

Escritas femininas: memórias, viveres, resistências

Ana Paula Andrade¹

159

Resumo

Este texto pretende ser um ensaio, um artigo de opinião sobre escritas femininas, suas memórias, seus viveres, suas resistências – entre minhas memórias e memórias outras, de outras mulheres, de outras femininas; entre meus viveres e viveres de outras; entre minhas resistências e resistências de outras. Trata de um texto diálogo, conversas, experiências de uma autora mulher, professora, filha, tia, e tantas outras em mim. Assim traço um caminho sobre Virginia Woolf que nos empresta aqui um teto para todas nós; continuo com algumas feministas; passo pelas professoras e suas escritas; para encerrar o texto em considerações femininas. Neste caminhar, o ensaio mostra como fomos subjugadas ao longo da história, o que precisamos fazer para estarmos aqui hoje e como ainda nos matam.

Palavras-chave

Mulheres; Virginia Woolf; professora.

Recebido em: 10/12/2025
Aprovado em: 21/12/2025

¹ Doutora em Educação na UFRJ. Mestre em Educação pela UERJ. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais e graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Atualmente é professora da Universidade do Estado de Minas Desenvolve trabalhos e pesquisas na área da educação: formação docente, currículo, gênero na perspectiva foucaultiana. É pesquisadora do Tessituras de Nós da FaE UEMG e do Grupo de Estudos Panóptico da FaE/UFMG. E-mail: ana.andrade@uemg.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8947-2957>.

Feminine writings: Memories, experiences, resistance

Abstract

This text is intended to be an essay, an opinion article on feminine writing, their memories, their life experiences, their resistance—between my memories and other memories, those of other women, other females; between my experiences and those of others; between my resistance and that of others. It is a text of dialogue, conversations, experiences of a female author, teacher, daughter, aunt, and so many others within me. Thus, I trace a path through Virginia Woolf, who lends us a roof here for all of us; I continue with some feminists; I pass through teachers and their writings; to end the text with feminine considerations. In this journey, the essay shows how we have been subjugated throughout history, what we need to do to be here today, and how they still kill us.

160

Keywords

Women; Virginia Woolf; teacher.

Introdução

Uma escrita feminina me remonta à Virginia Woolf e tantas outras como Joana D'Arc, queimada. Uma escrita feminina me lembra de *Frankstein* e Mary Shelley, que na primeira edição do livro colocou o nome do marido como autor. Uma escrita feminina me lembra dos direitos das mulheres do direito de escrever, do direito de trabalhar, do direito de votar – das sufragistas – e que as brasileiras tiveram essa conquista em 1932 e as francesas, em 1944 uma escrita feminina me lembra de mim, da minha mãe, das minhas avós, minhas tias, minhas cunhadas, minhas sobrinhas.

Este texto pretende ser um ensaio, um artigo de opinião sobre escritas femininas, suas memórias, seus viveres, suas resistências – entre minhas memórias e memórias outras, de outras mulheres, de outras femininas; entre meus viveres e viveres de outras; entre minhas resistências e resistências de outras. Trata de um texto diálogo, conversas, experiências de uma autora mulher, professora, filha, tia, e tantas outras em mim.

161

Escrever, observa Artières (1998), é inscrever-se, é fazer existir publicamente, o que no caso das mulheres assume uma grande importância, já que o anonimato caracterizou a condição feminina até algumas décadas atrás. (RAGO, 2013, p. 32).

Um teto de todas nós – presente de Virginia Woolf

Virginia Woolf (2014), em seu livro “Um teto todo seu”, discorre sobre a escrita feminina quando foi pedida a ela “para falar sobre mulheres e ficção” (WOOLF, 2014, p. 11). Não quis adotar o título “As mulheres e a ficção” por entender que poderia ser mal interpretada; que poderiam dizer que as mulheres só pensam em ficção, romances, etc.; que mulheres não poderiam pensar ou escrever sobre outras coisas.

Pensar em escritas femininas tem relação com memória, viveres, resistências. Nunca é uma coisa só. É também uma questão de interseccionalidade.

Retomando à Virginia Woolf (2014), ela primeiramente critica o que precisa, uma mulher, para escrever uma ficção naquele tempo dela: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever

ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção” (p. 12). E “é mais provável que a ficção contenha mais verdade do que o fato” (p. 13). Envolve e “evoca toda sorte de preconceitos e paixões” (p. 13) – lembrando que Virginia Woolf escreve este texto em 1920, em um mundo entre grandes guerras, em um momento de suspiro, que a mulher pode se vislumbrar outra – emancipação da mulher, modernismo nas artes, Coco Chanel, melindrosas, era do jazz – um respiro entre guerras.

E hoje? Como andam as nossas Virginia Woolf? Podemos escrever e podemos ser autoras de nossos textos. E teto? Ainda temos teto? Que teto temos nós? Temos nossos próprios tetos? Quantas de nós ainda dependemos de outro teto para estar? E quantas de nós morremos ou vivemos para ser?

Feministas nas escritas femininas

Simone de Beauvoir, Judith Butler, Mary Wollstonecraft, Margareth Rago, Mary Del Priore, Guacira Lopes Louro, mulheres, escritoras, femininas... feministas... mulheres são ditas como “o sexo frágil”... nos tornaram mulher... nos tornaram frágeis:

“[...] de que as mulheres, em particular, são tornadas fraca e miseráveis por uma variedade de causas concorrentes, originadas de uma conclusão precipitada. A conduta e as maneira das mulheres evidentemente provam, de fato, que suas mentes não estão em um estado saudável, pois, tal como as flores que são plantadas em um solo muito rico, a força e utilidade são sacrificadas à beleza, e as folhas exuberantes, depois de terem agradado a um olhar meticoloso, murcham, desprezadas no caule, muito antes da estação em que deveriam ter chegado à maturidade. [...] torná-las amantes atraentes do que esposas afetuosas e mães racionais.” (WOLLSTONECRAFT, 2021, p. 13).

Em um jornal da cidade de Desterro, antigo nome da capital de Santa Catarina, Brasil, o Jornal do Comércio, de 27 de julho de 1891, é publicado: “Mulher amante, filha, irmã, esposa, mãe, avó. Nestas seis palavras existe o que o coração humano encerra de mais doce, de mais puro, de mais estático, de mais sagrado, de mais inefável” (PEDRO, 1997, p. 281).

Fim do século XIX e início do século XX, o Brasil ainda vivia momentos pós colônia e início da República, mas recheada ainda de elementos dos tempos

áureos de grandes fazendas, de homens que mandam e desmandam. A única que poderia andar pela cidade sozinha e de dia e durante um certo horário, era a professora. Assim, uma mulher desquitada, que vivia sozinha, era sempre olhada sem direitos, como Catharina Majenski, em 1905, em Porto Alegre:

163

ao ser despejada por seu senhorio por falta de pagamento de aluguéis, recorreu à justiça, dando queixa da violência com que foi tratada, ao ser colocada ao relento e ter seus móveis quebrados. As dificuldades enfrentadas por Catharina para instaurar o processo dão a clara medida de sua obstinação em perseguir seus direitos e de sua desqualificação perante a justiça (PEDRO, 1997, p. 317-318).

Como a própria Joana Maria Pedro (1997) nos relata sobre como as mulheres diversas lutavam por seus direitos:

Eis os casos de mulheres que, sozinhas, solteiras ou viúvas, regiam seus bens, cobravam dívidas, instauravam processos. Eram diferentes da imagem de fragilidade veiculada pelos jornais da época, e importantes na determinação das distinções sociais nas áreas urbanas.

A presença das mulheres nas repartições públicas, movendo processos; nas ruas, vendendo, lavando roupas, praticando a prostituição, provendo de inúmeras formas a sobrevivência; em suas casas, costurando; nas escolas, lecionando para as crianças, mostram a participação das mulheres no dia-a-dia das diferentes cidades que se urbanizavam. (PEDRO, 1997, p. 318).

Foi preciso muitos caminhos para que pudéssemos andar com nossos pés para traçarmos nossos caminhos e mesmo assim, o Brasil ainda tem índices altos de feminicídio – em 07 de dezembro de 2025, domingo, várias pessoas, em sua maioria mulheres, foram às ruas em um “ato nacional contra o feminicídio”.

Segundo a recém lançada análise dos feminicídios no Brasil, de autoria de Jackeline Romio (2025, p. 4), “o Brasil é o 16º país latino-americano a tipificar o feminicídio, apresentando o maior número absoluto de mortes e a terceira maior taxa na América Latina”.

Romio (2025), além de trazer todo o contexto do feminicídio no Brasil (que não é objeto desse texto), fala da importância de ser essencial desenvolver políticas públicas interseccionais para enfrentar tal problema e possibilitar a proteção de mulheres vulneráveis. Pois devemos considerar os dados como raça, classe e território para abordar desigualdades estruturais.

Assim como Nísia Fernandes, mais de um século atrás, Jackeline Romio (2025) também nos convoca para o investimento em educação e que a conscientização é fundamental para promover a igualdade de gênero e de raça.

Professoras nas escritas femininas

Escritas femininas perpassam também pelo o que sou e estou profissionalmente – PROFESSORA!

Comigo, tenho escritas femininas inspiradas por amigas e por colegas, muitas vezes também são amigas colegas ou colegas amigas, são escritas femininas inspiradas por diversos autores e autoras. Dentre elas: Esperança, Magda, Karine, Ray, Dani, Ivana, Lili, Rogéria, Vanessa, Fernanda, Gláucia, Janice, Gaby, Amanda, Aline, Anas, Vera, Renata, Merie, Catarina, Dany, Luli, Inês, Aparecida, e tantas outras. Umas dialogamos; outras, brigamos intelectualmente; e todas, por serem ouvidas e lidas.

Nísia Floresta, em 1853, já reivindicava a emancipação das mulheres “elegendo a educação como o instrumento através do qual essa meta seria alcançada” (LOURO, 1997, p. 443).

Ao longo de todo o século XX, constituímos nós mulheres como mães educadoras professoras. Somos hoje, no Brasil, as que mais têm títulos acadêmicos, mas que ainda sofremos pela falta de investimento na educação, seja na estrutura das instituições que trabalhamos, seja pelo descaso salarial, alguns vão dizer que é porque somos mulheres. Professoras que constroem suas escritas no dia a dia da sala de aula, no memorando, no relatório, em TCCs, dissertações e teses... escrevemos textos e livros. E professoramos no dia a dia de mulheres professoras em escritas doces e militantes, em escritas que ensinam, e desconstroem para construir um novo sonho de vida.

Considerações femininas

Delicadas ou brutas, femininas de calça ou saia, cabelos longos ou curtos, salto ou tênis ou bota, flores, tatuadas, sem tatuagens, brincos, argolas, batom, sem maquiagem, black, liso escorrido, muitas fases e faces femininas....

Somos muitas e somos. Somos muitas escrevendo escritas femininas. Somos muitas escrevendo escritas feministas. Somos muitas escrevendo coisas de mulheres sobre mulheres... sobre nós.

Anas, Marias, Lenas, Helenas, Virgílias, Danis, Márcias, Carols, Jaques, Gabys, Marianas, Larys, Raphas, Fernandas, Cristinas, Erikas, Leslies, Claudias, Mulheres.... intelectuais e ou faxineiras, estudiosas e ou estagiárias, andantes e ou amantes, rebeldes e ou religiosas, atletas e ou amadoras de sofá, professoras... mulheres... escrevem! De Carolina Maria de Jesus a Joana d'Arc, de Nerfetiti a Lady Gaga, de Karine a Dani, de Kely a Rogéria, de Magda a Simone de Beauvoir, de minha avó a minha mãe a mim....

Que possamos escrever escritas femininas vivas! Que possamos escrever com nossos nomes! Que possamos escrever formas femininas e feministas onde caminhamos! Que nossos caminhos possam ser cheios de escritas femininas!

165

Referências

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. Coord. de textos Carla Bassanezi. São Paulo: Contexto, 1997. p. 443-481.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. Coord. de textos Carla Bassanezi. São Paulo: Contexto, 1997. p. 278-321.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se:** feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

ROMIO, Jackeline. **Quem são as mulheres que o Brasil não protege?** Uma análise interseccional dos feminicídios. Rev. Larissa Fontana. Brasil: Oficina 22, 2025.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Trad. Celina Vergara. São Paulo: Lafonte, 2021.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.